

TORGA VISTO DA GALIZA

Prof. Carlos Quiroga
Doutor em Literatura Portuguesa/Universidade de Santiago de Compostela
Universidade de Santiago de Compostela

Resumo: Este trabalho examina algum afeto e preferência de leitura relativamente à obra de Miguel Torga, visto da Galiza. Numa segunda vertente, encaminha-se para um esboço da análise lexicométrica do vocabulário torguiano. Com tal intenção, emprega-se uma amostra de 61349 palavras ou formas vocabulares sem lematizar, das que só algo mais de trinta mil pertencentes a várias obras de Miguel Torga. A outra metade do cópulo total pertence a Alberto Caeiro, Camilo Pessanha e Fernando Pessoa ortónimo, sendo esta matéria léxica usada com intenção contrastiva.

Palavras-chave: Miguel Torga; Relacionamento Galiza-Portugal; Lexicometria; Fernando Pessoa.

Abstract: This work examines some affection and reading preference related to Miguel Torga's work, from a Gallic point of view. On a second perspective, one presents a preliminary scheme of a leximetric analysis of Torga's vocabulary. With such intention, a sample of 61349 words or forms of words is used without lemmatizing, of which more than thirty thousand belong to several works by Miguel Torga. The other half of the total corpus belongs to Alberto Caeiro, Camilo Pessanha and Fernando Pessoa, his original name, this lexical matter being used with contrastive intention.

Key words: Miguel Torga; Relationships Galiza-Portugal; Lexometrics; Fernando Pessoa.

Com licença do foro académico, vamo-nos permitir invocar à partida o particular e até pessoal para alcançar o geral e até universal. A própria matéria do discurso, com similar exemplo na substância literária que nos convoca, sugere e legitima um percurso assim. A abordagem toma uma aparente moldura sociológica, decorre pelas costuras da conformação temática e da encenação narratológica, e tenta ultrapassar, finalmente, a pura especulação impressiva. Se bem partimos indutivamente de uma generalização da visão que a Galiza tem do autor homenageado, sem poupar a experiência individual, a seguir iremos dedutivamente a alguma análise e a alguma especificação, para confluirmos numa interpretação final previsível desde o princípio.

Por outro lado, haver alguma análise implica elementos em foco, naturalmente, e o modo de escolhê-los uma preferência metodológica. Neste sentido, só uma amostra do

húmus vocabular primário será tratado com algum rigor analítico. Não se pretende, contudo, que tais presenças sejam abafantes nem que a sugestão de análise fique incompleta por falta de valoração desses dados. Por isso, será de leve que remontados nos encaminhem a uma síntese conclusiva, que, por outro lado, só vai confirmar a obviedade inicial, insisto. Como se trata de apresentar o nosso tributo a um escritor, a quem cabe colocar a autenticidade por divisa da sua prática literária, vamos procurar reduzir ao mínimo a teoria, revestindo só algum resultado obtido aqui e ali, no uso da Lexicometria, de mínimo emprego.

1. A tautologia e os casos

A obviedade generalista inicial a que me referia é que por trás de Trás-os-Montes está a Galiza, até fisicamente e apesar da Espanha, e a Galiza se revê, humana e geograficamente, em boa parte da escrita de Miguel Torga. Revê-se até mesmo muito melhor do que algum Portugal, para além do que se pode rever toda a Humanidade, naquilo de comum a ela que aí pode haver. E não me admira muito que a primeira parte desta afirmação não tenha sido gritada com mais frequência e ênfase, porque de tão evidente até pode parecer inecessária; só que calada acaba por parecer ausente. E não deve admirar os ouvintes que ouse colocar uma segunda parte, essa, interpretando por figura de estilo, porque é bem verdade; só que as verdades também precisam de estilo. Vejamos.

Um dos primeiros contactos que tive com a Língua e a Literatura Portuguesas deu-se em textos da autoria de Miguel Torga, sendo já estudante de quarto ano na Universidade de Santiago. O único professor que se ocupava das três cadeiras que se lhe referiam nos anos oitenta, o hoje colega e catedrático José Luís Rodríguez, costumava propor a leitura do conto “Vicente” logo ao princípio das aulas de língua, numa predilecção pelo corvo rebelde que ainda hoje conserva. Nesse conto devíamos observar estruturas e formas linguísticas, realizar alguns exercícios gramaticais, e, especialmente, perceber. E percebíamos. Ainda não sabíamos isso, mas o realmente importante era perceber.

O conjunto dos *Novos Contos da Montanha* servia de leitura de apoio na segunda cadeira de língua, no quinto e último ano de carreira, e, por sua vez, na cadeira de

literatura do mesmo ano reencontrávamos aquele corvo insubmisso e já amigo, agora acompanhado do resto da família na antologia completa dos *Bichos*, uma das leituras obrigatórias de uma dilatada lista.

Se menciono estes pormenores é porque tal percurso corresponde também ao da grande maioria dos actuais professores de Língua e Literatura Galega do ensino secundário, formados na sub-secção de Galego-Português. Eles representam algum reduto representativo da galegidade, da leitura em galego, e portanto devotada a algum português, onde Torga nunca deixou de ser ponto de passagem. Foi na formação como alunos dos antigos planos de estudo, e continua a ser nas modernas e forçadamente separadas especialidades de Galego e Português, nos novos planos. Mas foi e é não só por motivos de escolha professoral e vertical. A cumplicidade docente pode jogar a favor de Torga, mas o autor não estaria nas listas se a efectividade empática não jogasse a favor do aluno, e por extensão do cidadão galego. É cedo para dizer, mas o realmente importante é outra vez esse aluno, esse professor, esse galego, perceberem.

No decorrer destes anos tenho comprovado igualmente, e talvez em maior medida, como muitos escritores e intelectuais do galeguismo, de formação anterior à presença incipiente ou plena dos estudos portugueses na universidade, interessados pela literatura como produtores, ou como simples consumidores, já conheciam e colocaram Torga acima de qualquer outro nome português. Muito mais até do que as camadas novas, que têm outras preferências. Quer dizer, se lhe perguntavam por um nome das letras lusas talvez diziam Camões, e se esqueciam de Torga; mas na verdade só teriam lido este e esquecido que não leram o outro.

Os mais velhos tiveram até contactos com Torga. Lembro-me do caso de Carlos Casares, a quem ouvi narrar as circunstâncias de um encontro. Outros chegaram a escrever sobre ele com precodidade, como no caso de Bernardino Graña, nos primórdios da revista *Grial* (1964), onde realizou uma aproximação e apresentação geral, declarando conhecê-lo pessoalmente, para de caminho discordar da lenda de ‘urso solitário e agreste’ que lhe era atribuída. Nesse trabalho, a partir da admiração pela biografia do homem que acompanha a obra, admira-se nesta a realidade identificável e o acerto ao descrever as atmosferas rurais. É por esse lado que se insinuam os motivos do perceber. Todos os galegos algo mais velhos tínhamos um passado rural e ligado à terra

e aos seus bichos muito recente. Todos tínhamos familiares que emigraram tentando furtar-se a uma vida ruim. Por isso podíamos perceber, e emprego propositadamente o verbo no passado porque essas condições estão a mudar actualmente. Como já mudou o espaço ficcional predilecto de Torga, o «pesadelo verde» e os «quilómetros de esmeralda», alterados de modo irreversível¹.

2. Provas de atenção

Renunciamos à recolha hemerográfica de vagos elementos dispersos em que o nome de Torga aflore ao norte do Minho, não só por cansativo mas porque pouco produtivo e menos demonstrativo dos elementos que, por outras vias, bastam para colocar o pretense pano de fundo. Mas não devemos deixar de mencionar algumas referências que provam a atenção leitora e crítica.

O certo é que já na metade do século passado, antes dos anos sessenta em que escrevia Bernardino Graña, e muito antes de nascermos muitos dos que aqui estamos presentes, já se implicavam nomes galegos na tradução de contos e da poesia de Torga para o leitor espanhol², o que não deixa de ser uma demonstração importante de atenção. Para além disso, na revista *Grial* apareceu ainda outro trabalho de Eloísa Alvarez (1982) sobre o “Código temático” nos *Contos da Montanha*; a revista *Nós* publicou um trabalho de Isaura Soares Pereira precisamente sobre o nosso querido corvo rebelde (1994); mais recentemente, Juan Lázaro referiu-se noutra parte a todo o conjunto de *Bichos* (2000); no *Anuario brigantino* está outro trabalho de Delgado Corral sobre *Nihil Sibi* (2001); também na revista *Agália*, e antes de estar sob a minha direcção, já se publicaram outros dois comentários, de Paula Seixas (1992) e Henriqueta Maria Gonçalves (1997), acerca de textos concretos de Torga.

E, com impacto acima dos próprios livros e revistas, porque nelas se reúnem, a última das três livrarias da Galiza que têm por especialidade o livro galego e português, nascida em Ourense há pouco tempo, retomou o nome de Torga, numa evidente homenagem e comunhão galega com a obra deste autor³.

3. Motivos e afinidades

As afinidades às vezes são como a música, é mais fácil ouvi-la do que explicá-la. E, no entanto, anda por trás de ambos os conceitos uma matemática mais exacta do que parece. Em todos os comentários e trabalhos e atenções à obra de Torga que possa invocar, não se espere achar explicação, naturalmente, dos ‘motivos galegos’ de uma escolha crítica ou leitora. A escolha nem sempre é explicável ou real (e nem todos nomes mencionados podem usar da condição de ‘galegos’), e sempre é subjectiva ou vaga (e cada caso implica uma constelação de elementos sociológicos externos a esta abordagem). Mas está a própria escolha a ser um dado. Depois, a reciprocidade é outro assunto, e, embora tenha algumas implicações na intensidade da afinidade o que esta seja correspondida, não é a nossa intenção testar aqui o interesse de Torga pela Galiza, de que realmente não existe especial constância.

Descendo agora algo mais em direcção à mecânica exacta que também pode andar por trás desta afinidade dos galegos, a meu ver, é na caixa temática de algum motor e no feitio rude da viatura e no universo movimentado por que se movimenta, que algum Torga, se não todos os da marca, é escolhido e conhecido, pelo menos como amostra de apreço e recepção na Galiza. É, neste ponto, que adopto a intenção de explicar essa afinidade no seu espectro alargado.

No segundo estudo da revista *Grial* acima mencionado, Eloísa Alvarez declarava à partida tentar averiguar as causas do deslumbramento subjectivo inicial que o mundo rústico e heróico dos *Contos da Montanha* lhe provocara. Uma aspiração similar a aqui pretendida. A autora acaba por isolar num reduzido número de signos universais todo o código temático das narrativas, os de ‘vida’, ‘morte’, ‘colectividade’, que poderiam explicar o deslumbramento em qualquer outra parte do globo. No entanto, a sua observação de que esse código opera sobre uma variabilidade de situações, de que incide nas condições de vida de um “grupo humano, o das serras norteñas, que adquire entidade propia frente a outros posibles conxuntos étnicos pertencentes ao mesmo espacio xeográfico: Portugal” (p. 59), resulta-nos de grande utilidade aqui.

Esse espaço, o transmontano, continuamente revisitado também na escrita por Torga ao longo de toda a sua vida, como fica testemunhado em muitas passagens da sua obra e nos recorda Maria da Assunção Morais Monteiro (1997),

Há muitas outras produções nas quais o espaço transmontano se encontra presente. Como escreve Claire Cayron (1994, p. 7), a tradutora da Obra torguiana para francês, Trás-os-Montes, província natal do autor, foi elevada Por Torga à categoria de mito; cantada em muitos dos seus poemas, transfigurada em *A Criação do Mundo*, ilustrada pelos *Contos e Novos Contos da Montanha*, analisada no seu *Diário*, esta região é ainda tema de dois textos eloquentes, segundo a mesma tradutora: um que constituiu uma Conferência pronunciada no Brasil, em São Paulo e no Rio de Janeiro, Publicada em *Traço de União*, onde se encontra um dos aforismos torguianos –"o universal é o local sem paredes"–, e um outro texto, que figura no volume *Portugal*, cujo título se tomou toponímico para os Portugueses: "Um Reino Maravilhoso".

O espaço transmontano, que não exactamente Portugal, o outro Portugal, é o que une mais a Galiza com Torga. Nesta perspectiva, pode interessar menos aos galegos a parte da obra torguiana onde este espaço se acha em estado mais oculto ou contaminado, como a obra diarística onde a vertente de documento histórico, subsidiário de uma História com maiúscula, no que atinge à comunidade nacional portuguesa, o outro Portugal, ocupa o seu devido lugar. Interessa, em todo o caso, a “contaminação do *Diário* pela narrativa (entendida agora como elaboração discursiva de elementos do ou mediados pelo imaginário)”, escolhendo, pois, um dos pólos da duplicidade de que fala Maria Lúcia Lepecki (1984). Admira ao crítico a persistência na escrita destes textos e o peculiar testemunho que constitui, em paralelo à produção literária do autor, onde o autobiográfico e o confessional já estão presentes. Mas nem tanto o chama a pessoa civil Adolfo Rocha, com as suas preocupações e interpretações de diarista em que talvez acha algum desencontro, mas o Torga pessoa literária que assina os *Bichos*. É evidente que nos *Diários* se reencontra a mesma nervatura trágica e mítica tipicamente torguiana, da Terra e da Morte e dos grandes temas e realidades quotidianas, mas a sua pedagogia e o seu invólucro, com subsídios documentantes de um tempo e um espaço histórico mais amplo do que está no mundo recriado na narrativa pura, perturba a eventual aproximação deste leitor vizinho que o prefere na sua ficcionalidade.

Trata-se talvez de uma preferência daquelas que procuram comodamente o Torga telúrico e rural, a da empatia com os primeiros dias de *A Criação do Mundo*, para Vasco

Graça Moura a parte “literalmente mais importante da autobiografia de Torga” (1981), posições que acha confirmadas no ensaio de Clara Crabbé Rocha (1977, p. 33), onde se depara com a “dificuldade do leitor em aderir à obra a partir dos terceiro e quarto dias por neles se introduzir a crónica histórica e social, a expressão duma ideologia política e estética, o ensaio comentativo e até o autorretrato no seio da narrativa autobiográfica”. Não estando inteiramente de acordo com essas razões, pois a própria “publicação intervalada das várias partes e na conclusão tardia da obra”, para além de o *Diário* parecer “colmatar as soluções de continuidade na publicação de *A Criação do Mundo*”, haveria outros motivos para a diferente adesão dos leitores, como a de haver *um todo* autónomo e até de ficção romanesca narrada na primeira pessoa, que corresponde ao ciclo da infância e adolescência.

A adesão popular dos leitores galegos, sem estatísticas que avalem, refere-se ao mesmo mundo que em certa medida acham em Rosalia de Castro. Mas existe um matiz para-literário a diferenciar, pois a nossa popular autora parte dos seus próprios códigos ideológicos e de um apriorismo fundamental, como declara no prefácio dos *Cantares galhegos* e já foi observado abundantemente, o de querer “desfazer a image negativa de Galiza que existe fora das suas fronteiras”, e portanto

a sociedade mostrada-proposta é aquela de base profundamente rural e pré-capitalista, onde os possíveis, e existentes conflitos permanecem acochados sob um sistema de relações humanas, caracterizadas pola sua desinibição, e integradas num cosmos no que a natureza estrutura e constitui um eixo em torno ao qual giram harmoniosamente todos os elementos: dos paisagísticos aos humanos (PRESEDO; PORTUGAL, 1985, p. xiv).

Apesar de tal disposição positiva, o tema central, Galiza, ir-se-á articulando em diferentes subtemas em que se reconhece claramente a polaridade, pois

Rosalia irá denunciando as situações de opressão e injustiça, e assi irám-se combinando ao longo do livro os poemas nos que se nos fai a proposta rosaliana – que poderíamos marcar como temática positiva –, e aqueles outros nos que se manifesta o que impede, o que põe atrancos, à serena comunhão do home com a natureza, à integração pacífica do home no mundo (PRESEDO; PORTUGAL, 1985, p. xv).

Em Torga haverá outros apriorismos, mas é fácil o leitor galego identificar-se não só nesse espaço, com independência do seu nome, mas também, e especialmente, no seu por vezes violento realismo, no trabalho duro e no tipo de vida que nele decorre. Neste sentido, até as tarefas do emigrante honrado que a ele se furta, tarefas como “carregar o moinho, mungir as vacas que davam leite para a casa, tratar dos porcos, ir buscar os cavalos da cocheira ao pasto, limpá-los e arreá-los, rachar lenha, varrer o pátio e atender a freguesia, etc.”, podem inclusive aproximar “um Brasil belo e bruto, que ele sofreu e soube retratar no livro «A Criação do Mundo»” (BRAGA, 1982), podem aproximar o conjunto das designações à contiguidade galega no mesmo plano, sem que importe muito o paralelo de Agarez, as metonímias geográficas (ROCHA, 1977, p. 178) ou as presenças reais do espaço transmontano.

Quando há escrita, a realidade fica de fora dela como referência mais ou menos próxima. No caso de Torga, tanto o espaço como a peripécia ficcional passam também por um filtro depurador que elimina interferências, tal e como o explica Magalhães Gonçalves:

este tão desenvolvido sentido de autoctonia manifesta-se depurado do casticismo de clã, do chauvinismo bairrista, dos códigos vocabulares que empastam a sintaxe dos nossos escritores rústicos. É justamente este totalizante compromisso endógeno assumido por Torga em relação ao seu ‘centro do mundo’ –o que dá à sua obra a marca concreta de verdade humana e social, no mais amplo sentido (GONÇALVES, [s.d.], p. 80).

O trabalho do escritor, ao ajustar a lente da sua máquina e retratar-nos mundos de determinado modo, tem neste caso o acerto de coincidir com o que Rangel-Carlsen chamou de “arquétipos clássicos e de conteúdo mitológico”, presentes na poesia, na ficção, e sobretudo nos contos: “Não que Torga deliberadamente queira expor arquétipos estereotipados, mas o facto é que está tão intimamente ligado ao coração da humanidade, que tem fácil acesso ao material mitológico que habita o inconsciente colectivo” (1997, p. 265-266).

Essa adesão relativamente popular dos leitores galegos à obra torguiana creio não alargar-se com o mesmo entusiasmo à poesia. Os diferentes tipos de discurso aí presentes, do teológico ao cósmico e ao sociológico (GONÇALVES, 1983), as diversas atmosferas de ar existencialista ou emotividade repentina, a consciência literária

evidenciando-se, os conflitos do homem com Deus e com a natureza, o assunto moral e o assunto social passando num sentimento trágico da vida posto em discurso poético, enfim, tudo isso que é igual ao outro Torga, mas mais complexo e noutra registo distanciador, causa o mesmo efeito que o pólo documentalista na obra diarística. A mesma Natureza, o mesmo Espaço, mas com a lente da máquina muito mais levantada e com filtros depuradores de maior poder, ao ponto de abstrair para a sua elementaridade reconhecível nos seus elementos: “os quatro elementos – terra, ar, fogo e água – aparecem na poesia torguiana de uma ou outra forma, em diversos graus, juntamente com elementos como a luz e a escuridão, assim como aparecem inúmeras variedades de fauna e de flora” (CLEMENTE, 1997, p. 102).

É, pois, num equilíbrio entre a proximidade do mundo recriado e a sua depuração literária leve, a manter a autenticidade universal, que a empatia se dá. Já que o elemento diferencial para ver Torga da Galiza é o primeiro, deve valer a pena justificá-lo mais. Assim, no percurso etnológico e sociológico que, por exemplo, Moisés Espírito Santo realiza à volta do território do eixo Braga-Porto (SANTO, 1990), a descrição dos elementos culturais e míticos podem ser reconhecidos em continuidade quasi exacta no repertório camponês imediato da Galiza, apesar de integrado oficialmente num estado político diferente. Mais do que a experiência religiosa popular que aí se analisa, interessa-nos agora reconhecer as mesmas crenças tradicionais, as mesmas fórmulas para resolver conflitos na sociedade aldeã, o mesmo todo que formam a religião e a magia e a superstição, o mesmo matiz na afloração dos arquétipos, a mesma simbolização da natureza e das coisas, os mesmos mitos e sonhos colectivos, o mesmo predomínio da família matrifocal, as mesmas condições e história de pobreza extrema e emigração, enfim, o mesmo mundo. Um mundo que, de recuarmos muito no tempo, ocuparia um espaço de conformação maior à actual, que explicaria os nomes de sítios como *Galegos* e *Galiza* na toponímia do centro do país (SANTO, 1988, p. 349):

Não se percebe bem mais assim Torga percebido na Galiza e viceversa? Tenha-se em conta ainda, como afirma o próprio Espírito Santo, com sabedoria bem terrena,

A distinção entre a Galiza do norte e a Lúsitânia é moderna e arbitrária. Os geógrafos antigos, entre os quais Estrabão, nunca situam a Lúsitânia e a Galécia nas mesmas fronteiras: ora a Galécia vem até ao Sul, ora é a Lúsitânia que vai até ao Norte. Galegos, habitantes da Galécia, parece terem

sido outrora os habitantes de toda a faixa costeira desde o Tejo aos confins da Galiza (SANTO, 1988, p. 349).

O eixo Braga-Porto é diferente do Coimbra-Viseu e ainda hoje articula o território português em dois pólos. Moisés Espírito Santo segue nisto José Mattoso no seu *Portugal medieval*, mas os seus estudos sobre religiões e tradições acabam por também provar. E até na análise da Toponímia Antiga acha confirmação. A de que a Galiza se liga com o de Torga, para nós e para o caso. Mais importante nesta homenagem que os Galegos, todos nós agora, aparecermos em I Macabeus 8:1-4 como Gálatas⁴.

4. O húmus vocabular

Acabamos por descer aqui ao terreno elementar no que se catam os parafusos dos motores, as partículas de terra ou os tijolos das paredes. Tendo a possibilidade de testar a natureza dessa matéria em sentido amplo, pensávamos, num princípio, submeter à prova do *Dicionário de dicionários* pretensamente galego (onde se recolhem todos os dicionários existentes desde os tempos mais primitivos da renascença galega à actualidade) uma amostra ampla do vocabulário torquiano. Esta prova demonstra-se finalmente prescindível, à vista dos resultados de total transparência. Mas podemos deixar aqui recolhidas algumas características da matéria prima de que se vale Torga.

Hoje vamos conformar-nos a deixar em aberto algumas possibilidades de análise dos textos torquianos, inscritas num âmbito de investigações, as lexicométricas, com características só aparentemente coincidentes, pois existem notáveis variações de orientação dentro do espaço comum que ocupam, mas que podem sustentar com rigor uma alargada tipologia de estudos literários e do discurso em geral. Durante anos, a recolha de textos em arquivos electrónicos foram sendo de utilidade crescente à Linguística e à Crítica Literária, e, por extensão, ao estudo da língua em geral. À entrada do século XXI, com *software* que permite maiores aprofundamentos, e com a ajuda mais afunilada da estatística descritiva, podemos avançar com exigência maior nestas abordagens⁵.

Dentro da linguística quantitativa ocupa lugar particular a estatística lexical, que, em

sentido restringido, começa verdadeiramente quando se introduz a noção de vocábulo (MULLER, 1973, p. 225). A sua quantificação pode servir para estudar marcas ideológicas no discurso, como vem sucedendo no campo político desde meados do século passado (com trabalhos como os de Matoré, Dubois, Prost, Bonnafous, a equipa ERA 56, etc.), mas já vai tendo ampla tradição em sociolingüística, sociologia, historiografia, lingüística, etc., e já nos temos servido dela em vários estudos literários. A passagem do tempo acumula técnicas e ultrapassa as propostas pioneiras, e nem as metodologias coincidem em estratégias nem as fases de abordagem acabam por coincidir sempre. Mas o caminho trilhado continua ensinando, nomeadamente no que tem a ver com as escolhas prévias à pesquisa lexicométrica, e que podemos concretizar em três: “Le choix de l'occurrence formelle [...], Le choix d'un réseau statistique [...], Le choix de la norme intrinsèque [...]” (BONNAFOUS, 1983, p. 53-54). Isto é, a unidade de base sobre a qual levar a cabo o recuento, neste caso a palavra; a rede matemática de abordagem; e o estabelecimento de uma norma que permita calcular os desvios a partir do cópús de análise. Eliminar a lematização prévia, para não introduzir elementos subjectivos na manipulação do cópús, constitui outra escolha geral, como a que segue o *Centre de Lexicologie et Stylistique Portugaises* da Universidade de Toulouse, cujo actual director, André Camlong, nos vem servindo de referente metodológico neste tipo de trabalhos (CAMLONG, 1996).

Vamos servir-nos de uma amostra de 61349 palavras ou formas vocabulares sem lematizar, das que só algo mais de trinta mil pertencentes a várias obras de Miguel Torga. A outra metade do cópús total que vamos abordar pertence a Alberto Caeiro, Camilo Pessanha e Fernando Pessoa ortónimo. As possibilidades de comentário e comparação que se abrem a partir dos dados lexicométricos, ao ter este material habilitado, resultam inabordáveis nesta comunicação. Aqui usaremos apenas algum indício, em função do sentido que se vem argumentando.

A introdução de variáveis externas a Torga visa usar o vocabulário doutros autores como "contraste radiológico" no corpo torquiano, tal e como já temos experimentado noutras oportunidades, verificando a hipótese da peculiaridade do autor em foco. A escolha concreta dos autores externos deve-se a motivos práticos, ao termos anteriormente digitalizado os textos e efectuado as mudanças e limpezas pertinentes, no intuito de dar a mesma coerência de trato ao cópús da *Clepsidra* que aos da vulgata

peçoana colocados em análise. Deixaremos outras considerações editoriais ou exegéticas sobre obra de Pessoa e sobre as peçoanas (os volumes consultados, exemplares da 1ª edição e noutra tempo propriedade de João Gaspar Simões, estavam na sala de trabalho da Equipa Pessoa⁶), indicando a seguir as arrumações e as suas fontes editoriais, a começar pelas torquianas, cuja antologia foi elaborada a partir das versões que o Instituto Camões colocou na internet⁷. Advirtamos também que as mais de trinta mil ocorrências do cópús de Torga (das que, considerado isoladamente das variáveis externas, mais de sete mil e setecentas são vocábulos diferentes), foram separadas ainda em cinco sub-conjuntos, para observarmos o seu universo vocabular “sem contaminações”. Eis a indicação dos conjuntos:

1poesia = POESIA de *Diário*⁸ (“Alentejo”, Diário XII; “Ariane”, Diário I; “êxtase”, Diário XI; “Liberdade”, Diário XII; “Lisboa”, Diário III; “Portugal”, Diário X). De *Nihil Sibi*⁹ (“Juventude”, “Magia”, “Universalidade”). De *O Outro Livro de Job*¹⁰ (“Livro de Horas”, “Noite”). De «Odes»¹¹ (“Ao Mar”). De «Orfeu Rebelde»¹² (“Orfeu Rebelde”). De «Penas do Purgatório»¹³ (“Denúncia”, “Grito”). De «Poemas Ibéricos»¹⁴ (“A Largada”, “Camões”, “Mar”). De «Portugal»¹⁵ (“Pátria”).
[1.979 formas vocabulares]

2Criação = PROSA de *A Criação do Mundo* (“O Terceiro Dia” (excerto)¹⁶, “O Quinto Dia” (excerto)¹⁷, “O Sexto Dia” (excerto)¹⁸).
[12.141 formas vocabulares]

3Bichos = De *Bichos*¹⁹ (“Mago”, “Miura”, “Nero”).
[6.273 formas vocabulares]

4Contos = De *Contos da Montanha*²⁰ (“Homens de Vilarinho”, “Um Roubo”).
[4.208 formas vocabulares]

5Portugal = De *Portugal*²¹ (“O Alentejo”, “Um Reino Maravilhoso”).
[5.532 formas vocabulares]

6Caeiro = *Poemas de Alberto Caeiro*, III, “Colecção Poesia” da Editorial Ática, Lisboa, Agosto de 1946; o exemplar utilizado é o N° 8 da tiragem especial em papel Melotex.
[11.777 formas vocabulares]

7Pessoa = *Clepsidra*²²
[5.201 formas vocabulares]

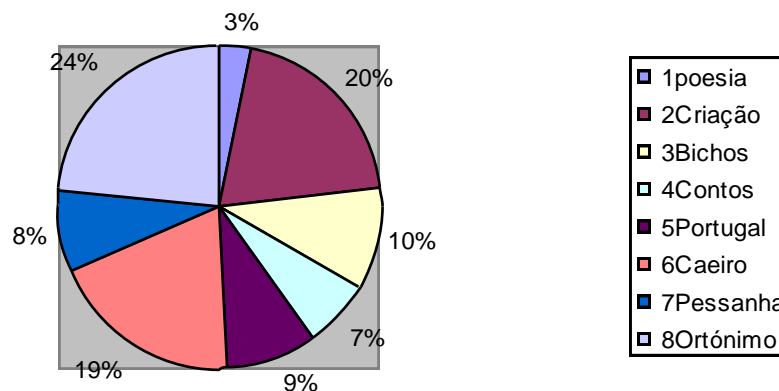
8Ortónimo = *Poesias de Fernando Pessoa*, I, “Colecção Poesia” da Editorial Ática, Lisboa, 1942; também este exemplar leva o N° 8.
[14.238 formas vocabulares]

Um bom aproveitamento deste material obrigar-nos-ia a empregar muitas páginas, por isso vamos descrever sumariamente algumas operações possíveis, facilitar dados que a

cumplicidade da metodologia poderá melhor perceber, e limitar-nos a um par de comentários.

O percurso habitual destas análises começa por elaborar um índice alfabético de vocabulário com as suas frequências totais e parciais. A partir dele obtém-se outro de frequências decrescentes. Para a análise lexical, ou levantamento exaustivo das palavras dos textos, empregámos os logiciais principais *Stablex* e *Excel*. *Stablex* foi elaborado por André Camlong e Thierry Beltran, da Universidade de Toulouse, aplicação só para Macintosh até ao ano 2003, ano da aparição de uma nova e rápida versão “PC 2003”, de “usage strictement personnel”, facilitada pelo Professor Camlong, cuja terminologia seguimos basicamente (CAMLONG, 1996)²³. Com as listas vocabulares são construídas tabelas de distribuição de frequências e tabelas de desvios reduzidos, utilizando gráficos para descrever as variações e correlações entre os textos do córpus, e praticando alguns testes de verificação, entre eles o do χ^2 e o da homogeneidade de Pearson. A fase final consiste na extracção das seqüências, assim como na extracção dos vocabulários e finalmente na separação dos elementos analíticos segundo os diferentes campos de reagrupamento.

O vocabulário todo, a partir dos textos, converge para listas e tabelas. Conseguir a lista ordenada de palavras é aparentemente simples. Mas trabalhar com vários conjuntos e seguir a partir daí resulta difícil sem as funções especializadas de um programa específico como o *Stablex*, que nos dá rapidamente os dicionários correspondentes (vários centenares de páginas), que, uma vez retocados, deveriam ser instalados em Anexos se o espaço disponível o consentisse, o que não deve ser precisamente o presente caso. A seguir, os primeiros dados em estado bruto sobre os textos em forma de Tabela de Distribuição das Frequências, TDF. Para evidenciar algumas intuições que já daí se poderiam tirar, assim como muitos dados que remetem especificamente para características do córpus, torna-se primordial transformar a TDF em Tabela dos Desvios Reduzidos, TDR, o que supõe proceder realmente à passagem do quantitativo para o “qualitativo”, e chegar ao coração da análise. Tal operação só pode ser feita com o auxílio da estatística descritiva, manual ou mecanicamente, por meio das macro-funções dos programas informáticos. Através da estatística descritiva podemos efectuar a análise centrada exclusivamente no próprio objecto (texto), e a partir da sua visão global podemos observar flutuações, interferências e preferências do todo.



Depois desta primeira passagem pelo Stablex, servimos-nos dos logiciais Excel e Word para começar a transportar resultados a estas linhas, procedendo aos primeiros comentários e aproveitamento de resultados, que só a título de amostra agora esboçamos no percurso da sua obtenção: a soma total das ocorrências de cada "texto" e a soma (Σ) total de todos conjuntamente (os N parciais e o total), assim como a probabilidade para cada um deles (p), e a probabilidade complementar correspondente (q), são dados obtidos também nas primeiras linhas da TDF,

			1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Caeiro	7Pessanha	8Ortónimo
Textos:	Σ total:									
8	61349		1979	12141	6273	4208	5532	11777	5201	14238
Linhas:		p:								
144			0,032	0,198	0,102	0,069	0,090	0,192	0,085	0,232
		q:								
			0,968	0,802	0,898	0,931	0,910	0,808	0,915	0,768

A probabilidade para a poesia de Torga neste cópuz, por exemplo, é o seu N particular (1.979) dividido pelo N total de todo o cópuz (61.349 ocorrências), = 0,032258. Isto significa que se todas as palavras estivessem repartidas uniformemente nos conjuntos de textos colocados em análise, nos da poesia de Torga deveriam figurar numa proporção de 0,032. Ou, dito doutra forma, 3% de cada categoria de palavras do cópuz total deveriam pertencer à poesia de Torga, e assim por diante: 20% a 2Criação, 10% a 3Bichos, 7% a 4Contos, etc.

A probabilidade complementar ou contrária resulta da subtração a 1 da probabilidade calculada para cada conjunto de textos:

$$1\text{poesia: } q_1 = 1 - 0,032258 = 0,968$$

Os mesmos cálculos são realizados para as restantes variáveis automaticamente, de modo que evitaremos mais exemplos. Para além destes dados, e a partir dos índices de palavras primitivos, obtemos a TDF, composta apenas por números:

Ord	Oc.	Núm.	Freq.	1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Caeiro	7Pessoa	8Ortónimo
1	2522	1	2522	81	590	300	202	231	425	175	518
2	2342	1	2342	86	408	170	148	191	561	158	620
3	2297	1	2297	87	386	206	112	237	601	140	528
4	2161	1	2161	89	570	219	140	268	270	181	424
5	2069	1	2069	56	357	243	180	172	375	174	512
6	855	1	855	15	105	62	60	45	256	60	252
7	763	1	763	35	162	72	42	94	105	79	174
8	720	1	720	11	53	19	31	68	268	24	246
9	712	1	712	29	184	92	57	72	96	55	127
10	685	1	685	30	117	75	45	60	113	63	182
11	532	1	532	7	121	45	36	63	127	54	79
12	1036	2	518	18	142	94	64	109	282	91	236
13	467	1	467	17	86	42	31	56	71	46	118
14	462	1	462	16	107	34	23	32	62	51	137
15	427	1	427	6	98	45	28	47	98	14	91
16	398	1	398	13	99	38	36	28	48	43	93
17	390	1	390	16	49	27	31	23	125	34	85
18	362	1	362	8	65	54	37	36	75	14	73
19	358	1	358	6	77	42	25	31	82	16	79
20	339	1	339	3	43	31	34	24	128	14	62
...
...
...
144	7066	7066	1	230	2017	817	484	862	621	942	1093

Na 1ª coluna temos a Ordem, que vai de 1 a 144. Na 2ª o total das ocorrências dos diferentes vocábulos no cópuz; ou seja, o produto da frequência (coluna 4) pelo número de vocábulos correspondentes (coluna 3; no breve trecho, ordem 12, [frequência] 518 * [nº de vocábulos] 2 = 1036). Na 4ª coluna as Frequências totais por ordem decrescente, como no dicionário vocabular estabelecido precedentemente, de 2.522 a 1 entradas. Nas colunas seguintes é apresentada a distribuição dos efectivos em cada texto. As palavras já não aparecem, e haveremos de servir-nos das listas primitivas para averiguar de que

formas se trata, extrair conjuntos vocabulares e explicitar comentários sobre eles e sobre os dados estatísticos que, a partir de agora, começam a chegar.

A forma da TDF, segundo a metáfora de Camlong, é semelhante ao “labirinto dos Antigos” (CAMLONG, 1996, p. 39), constituído por células que mostram as coordenadas específicas e inalteráveis de cada item lexical (palavra ou grupo de palavras). Se observarmos a tabela damos conta das flutuações dos valores, mas não podemos ultrapassar os dados puramente “quantitativos”, pois os dados apresentam-se em estado bruto. Torna-se necessário, através da estatística, particularizar cada célula de maneira tal que o número que lá se encontra se torne único. Após esta “metamorfose” podemos orientar-nos no “labirinto”, pois o número passa a exprimir “umha relação harmoniosa da unidade com o todo e do todo com a unidade”. E isso só pode ser feito com a transformação da TDF em TDR. Vamos exemplificar as operações realizadas, aplicando a equação que faculta o cálculo do desvio quadrático relativo ao conteúdo de cada célula:

$$z = \frac{(k - \bar{m})}{\sigma} \quad \text{ou} \quad z = \frac{(x_i - \bar{x}_m)}{\sigma}$$

- x_i é o número real da célula
- \bar{x}_m é a média teórica dos efectivos correspondente a $\bar{m} = n.p$
- $\sigma = \sqrt{n x_i \cdot p_i \cdot q_i}$ é o desvio padrão na célula

Se quisermos calcular manualmente o desvio reduzido da primeira célula da TDF nos textos da poesia de Torga, por exemplo, reunimos os valores brutos e da probabilidade e probabilidade contrária para aplicar a fórmula,

$$\begin{aligned} x_i &= 81; n = 2522; p = 0,032; q = 0,968 \\ \bar{m} &= n.p = 2522 * 0,032 = 80,704 \\ k - \bar{m} &= x_i - \bar{x}_m = 81 - 80,704 = 0,296 \\ \sigma &= \sqrt{(2522 * 0,032 * 0,968)} = \sqrt{78,12147} = 8,838635075621122 \end{aligned}$$

O desvio reduzido da primeira cela nos textos da Poesia torguiana, é $z = 0,296 / 8,838635075621122 = 0,04$. Teríamos de realizar centenas de operações de modo

manual para completar a TDR do exemplo que estamos usando, mas podemos fazê-lo mecanicamente em poucos segundos com a função *Macrostab* inserida no Stablex. O seu aspecto, ao qual acrescentamos para o exemplo as colunas de vocabulário e Frequência geral, é este:

Ord	palavras	Freq.	1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Cairo	7Pessanha	8Ortónimo
1	a	2522	0,040	4,543	2,768	2,286	0,249	-2,990	-2,774	-3,175
2	que	2342	1,222	-2,878	-4,738	-1,033	-1,456	5,845	-3,008	3,743
3	e	2297	1,524	-3,591	-1,988	-3,760	2,176	8,479	-4,100	-0,252
4	de	2161	2,349	7,685	-0,139	-0,700	5,493	-7,911	-0,170	-3,951
5	o	2069	1,337	-2,895	2,282	3,313	-1,118	-1,238	-0,111	1,657
6	não	855	2,435	-5,511	-2,870	0,183	-3,832	7,977	-1,533	4,340
7	do	763	2,128	1,000	-0,719	-1,480	3,185	-3,812	1,860	-0,264
8	é	720	2,579	-8,371	-6,719	-2,711	0,400	12,281	-4,956	6,965
9	da	712	1,280	4,054	2,375	1,210	1,020	-3,871	-0,721	-3,395
10	um	685	1,709	-1,780	0,625	-0,300	-0,236	-1,794	0,676	2,084
11	os	532	2,493	1,710	-1,345	-0,084	2,275	2,738	1,385	-4,567
12	as, se	518	2,711	-4,915	-1,224	-0,868	1,690	6,557	0,354	-0,327
13	no	467	0,507	-0,746	-0,878	-0,189	2,244	-2,191	1,065	1,054
14	em	462	0,289	1,818	-2,033	-1,599	-1,569	-3,153	1,976	3,282
15	uma	427	2,129	1,639	0,214	-0,247	1,435	1,970	-3,857	-0,928
16	na	398	0,046	2,546	-0,446	1,725	-1,381	-3,615	1,666	0,075
17	como	390	0,980	-3,582	-2,152	0,851	-2,151	6,446	0,170	-0,661
18	com	362	1,094	-0,876	2,946	2,531	0,616	0,735	-3,149	-1,371
19	por	358	1,660	0,816	0,941	0,093	-0,237	1,782	-2,723	-0,511
20	para	339	2,439	-3,284	-0,657	2,309	-1,246	8,677	-2,874	-2,145
21	mas	323	0,132	-1,805	1,648	1,067	-0,219	2,825	-2,873	-0,654
22	ao	321	1,376	-1,054	2,980	-0,225	1,375	-2,356	0,358	0,595
23	eu	318	0,553	-3,650	-5,463	-2,842	-4,635	8,536	-0,797	4,543
...

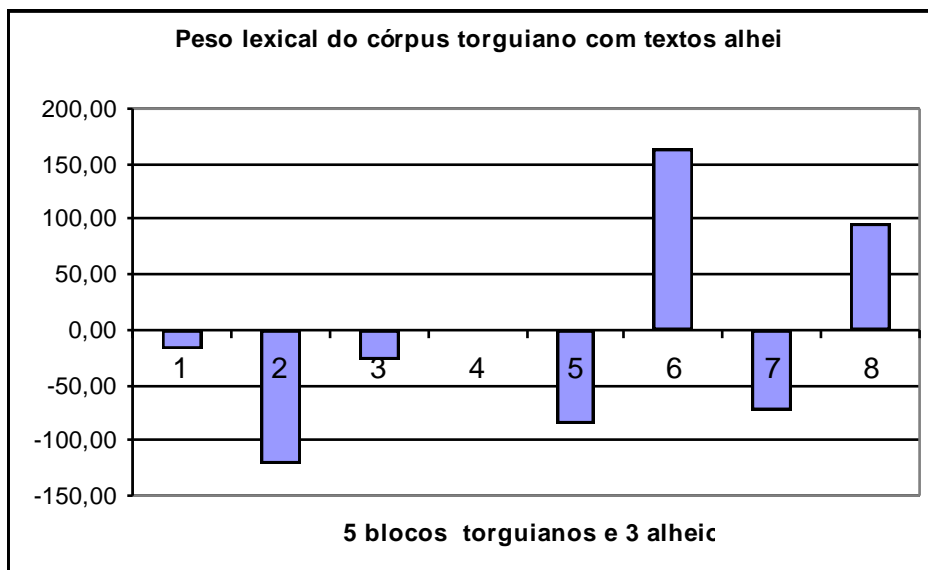
Com a redução de todos os valores a zero para a média e a um para o desvio quadrático passamos a ter uma mesma e única escala de avaliação para todos os valores, e todos os dados passam a ser comparáveis e interpretáveis. Devemos apenas ter como referência uma Tabela da Norma (Lei Normal Reduzida ou Centrada), onde encontraremos para os

diversos valores do desvio reduzido o grau de dispersão, o significado e a significação de cada desvio. O intervalo de confiança no qual se encontra uma dispersão de 95% dos efectivos atinge-se com o valor do desvio reduzido de $\pm 1,96$. Uma simples leitura horizontal ou vertical da TDR constata imediatamente a significação positiva ou negativa relativa a um emprego excedentário ou deficitário de um item ou de uma variável, que pode ser identificada nas listas vocabulares. Se fizermos uma leitura horizontal do segundo item da nossa tabela (mais interessante por corresponder a *que*), notamos que tem uma significação mais positiva e excedentária em Caieiro (5,845), e recusa nos textos torquianos de *Bichos* (-4,738), e poderemos formular certezas, como predomínio da subordinação, acerca desta forma funcional no seu uso por parte dos diferentes autores e textos colocados em comparação. Pode-se comentar o emprego excedentário ou deficitário do vocabulário a partir da TDR, e agrupar os vocabulários. Ou podem-se isolar os vocabulários comuns, os exclusivos, mesmo nas listas brutas.

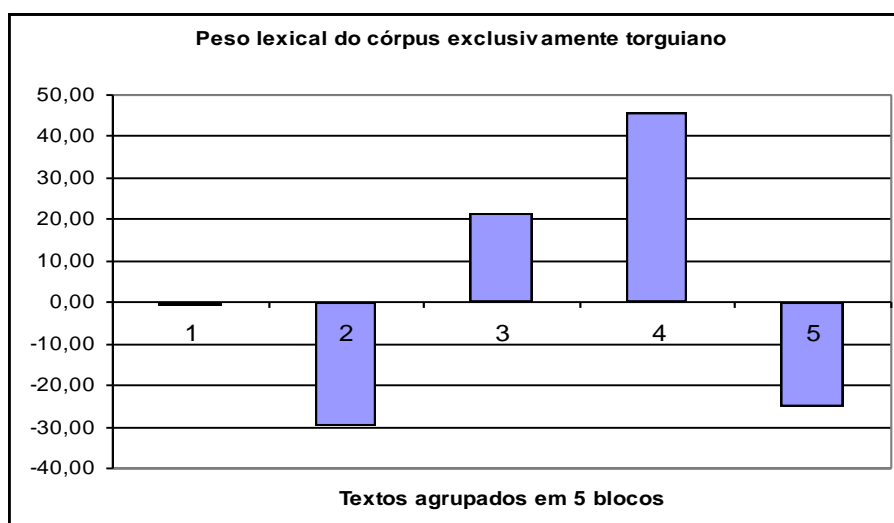
Também se pode observar a homogeneidade e normalidade do cópús com o teste do χ^2 , método avaliativo encontrado por Fisher a partir do cálculo do χ^2 ou soma dos quadrados dos desvios reduzidos, $\chi^2 = \sum z_i^2$ de $V =$ número de variáveis aleatórias independentes da população normalmente distribuída, isto é, o número de colunas da tabela. Existindo uma relação manifesta entre o desvio reduzido z e o χ^2 , o cálculo realiza-se partindo da somatório dos desvios reduzidos de cada coluna,

		1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Caieiro	7Pessanha	8Ortónimo
Sz:	-65,978	16,928	122,034	-27,007	-1,456	-83,846	163,031	-73,602	95,865

O somatório dá ideia, mesmo gráfica, do peso lexical do conjunto do cópús,



O aspecto é bastante diferente se realizamos a mesma análise (todas as operações anteriores, incluídos dicionários e tabelas) exclusivamente com o vocabulário de Torga,



Mas teremos oportunidade depois de aproveitar esta possibilidade da análise centrada unicamente em Torga. Continuando agora com o exame do χ^2 no conjunto amplo em que entram outros autores, o resultado anterior deve ser dividido pelo número de linhas da Tabela (144 linhas), e tendo os z, elevamos os resultados ao quadrado:

		1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Cairo	7Pessanha	8Ortónimo
-65,978	Total	-	-	-27,007	-1,456	-83,846	163,031	-73,602	95,865
-0,458	Média	-0,118	-0,847	-0,188	-0,010	-0,582	1,132	-0,511	0,666
3,093	χ^2	0,014	0,718	0,035	0,000	0,339	1,282	0,261	0,443

O χ^2 é a soma das quantidades calculadas na operação anterior: 3,093. Finalmente, se acudimos a uma Tabela de χ^2 constatamos a significância: 3,093, a 8 graus de liberdade (o número de agrupamentos textuais), centra a distribuição dentro dos limites de confiança. A Tabela de Fisher (só para um número de variáveis aleatórias superior a 30 se empregam as tabelas de Owen) estabelece que para 8 graus de liberdade a distribuição desse cópuz com um χ^2 assim, está dentro do limite de confiança do 90% (probabilidade $p=0,90$).

		1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal
11,307	Total	-0,971	-29,723	21,514	45,581	-25,093
0,122	Média	-0,010	-0,320	0,231	0,490	-0,270
0,469	χ^2	0,000	0,102	0,054	0,240	0,073

Se o cópuz comparado é o exclusivamente torquiano, a homogeneidade vocabular é muito maior: 0,469, significa um conjunto dentro das margens do 99% (a 5 graus de liberdade, a Tabela de Fisher indica que a probabilidade $p=0,995$ se atinge com um χ^2 do 0,412). É natural que os textos torquianos se mostrem mais homogéneos entre si, muito próximos no seu conjunto do que em relação a outros autores, mas as diferenças resultam enormes quanto à distribuição vocabular. Por usar de um elemento de referência exterior, o vocabulário pessoano comparado no seu universo restrito dos quatro primeiros volumes da vulgata (a primeira edição da Ática, com Cairo, Campos, Reis e o ortónimo), é muito mais homogéneo entre si (apresenta um χ^2 de **0,132**,

que, com 4 graus de liberdade, está dentro das margens de aproximadamente um 99,9% de homogeneidade vocabular) (QUIROGA DÍAZ, 1995, p. 196); e continua sendo-o ainda mais se a comparação se estabelece entre os nove volumes da vulgata (χ^2 de **0,243**, com nove graus de liberdade) (QUIROGA DÍAZ, 1995, p. 490). Quando inseríamos na comparação o vocabulário da *Clepsidra* ao lado do de Caeiro, Reis e o Ortónimo, a homogeneidade decrescia, mas a probabilidade ainda se mantinha aproximadamente nos 92% (QUIROGA DÍAZ, 1995, p. 444).

Temos, pois, um primeiro indício de que o vocabulário de Torga apresenta genericamente um corpo mais fechado relativamente aos outros autores portugueses confrontados, apesar da diversidade de género e registo das fontes onde fomos tomá-lo. Não vamos testar a estrutura desse conjunto, que não constitui a totalidade da obra, nem a tendência, normalidade da distribuição vocabular (recta de Henri), nem outros aproveitamentos que por via estatística se poderiam fazer nesta altura, uma vez alcançado o coração do labirinto interpretável. Mas ainda se pode sugerir tirar partido simples dos vocábulos de alta frequência, onde se acham a temática e os elementos estilísticos principais. A extracção rápida dos primeiros vocábulos nocionais de mais alta ocorrência, eliminadas partículas funcionais e outras formas menos transparentes, que apresentamos seguidos da frequência (com advertência de que o refinamento dos dicionários não foi realizado com o escrúpulo de ir ver os contextos), já permite tirar conclusões horizontais sobre os motivos temáticos sem ambiguidades,

1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal
mar; 15	nada ; 22	Nero; 13	padre; 24	terra ; 14
terra ; 9	tempo ; 21	vida ; 13	homem ; 15	mundo ; 11
canto; 8	dia; 18	nunca; 12	mulher; 14	Alentejo; 10
diário; 6	mundo ; 18	tempo ; 12	João; 13	corpo ; 9
liberdade; 5	Nunca; 15	cabeça; 11	senhora; 13	grande; 8
navio; 5	Olhos ; 15	olhos ; 11	Vilarinho; 12	reino; 8
sonho; 5	homem ; 14	Sância; 11	Faustino; 11	chão; 7
tempo ; 5	hora ; 14	corpo ; 10	saúde; 11	força; 7
amor; 4	mal; 13	homem ; 10	vida ; 11	deus; 6
céu; 4	vida ; 13	maneira; 10	casa ; 10	homem ; 6
cor; 4	Brasil; 12	nada ; 10	olhos ; 9	luz; 6
ilusão; 4	grande; 12	casa ; 9	terra ; 9	nada ; 6
Lisboa; 4	Nome; 12	Miura; 9	filhos; 8	olhos ; 6
olhos ; 4	alma; 11	novo; 9	mundo ; 8	tamanho; 6
pés; 4	livro; 11	gente; 8	senhor; 8	tempo ; 6
sofrimento; 4	novo; 11	pé; 8	grande; 7	vida ; 6
vela; 4	senhor; 11	chão; 7	Joaquim; 7	alentejana; 5
versos; 4	caso; 10	dono; 7	nada ; 7	alentejano; 5

vida ; 4	Corpo ; 10	lado; 7	porta; 7	alto; 5
abraço; 3	Horas ; 10	Mago; 7	resto; 7	Bragança; 5
areia; 3	lado; 10	mundo ; 7	Teodoro; 7	coração; 5
horas ; 3	caminho; 8	palmas; 6	festa; 5	medo; 5
louco; 3	casa ; 8	patroa; 6	maneira; 5	novo; 5
luz; 3	consciência; 8	sangue; 6	noite; 5	pão; 5
momento; 3	espírito; 8	velha; 6	tempos ; 5	parte; 5

Se repararmos bem nas listas, para além da presença de alguns nomes próprios reincidentes, por serem motivos centrais dos contos ou textos exemplares escolhidos, existe enorme coincidência temática nos conjuntos em geral, com áreas vocabulares muito comuns e primárias em repetição constante em vários e até nos cinco conjuntos torguianos. Algumas formas, como *olhos*, *tempo*, *homem*, *vida*, etc., são constantes nas altas frequências dos cinco blocos. E continuam nas referências que seguem,

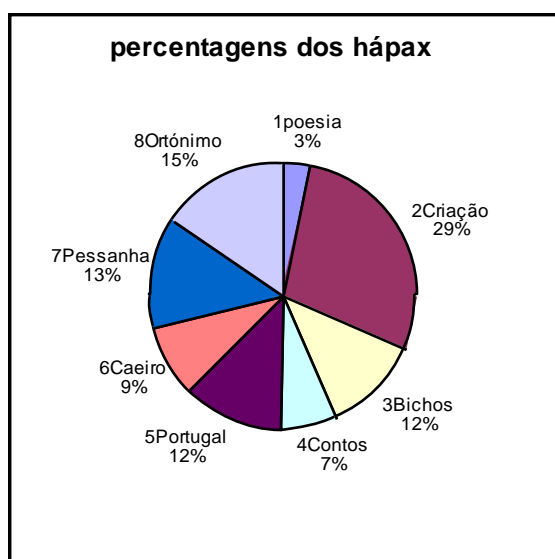
1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal
Ariane; 3	Pátria; 10	nova; 7	caixa; 6	chaves; 5
coração; 3	Velho; 10	vezes; 7	ano; 5	grandes; 5
dia; 3	dias; 9	ar; 6	coisa; 5	homens; 5
fundo; 3	maneira; 9	coisa; 6	día; 5	maneira; 5
gritos; 3	mão; 9	horas; 6	días; 5	maravilhoso; 5
nau; 3	parte; 8	amigo; 5	abade; 4	Portugal; 5
noite; 3	porta; 8	anos; 5	alma; 4	senhor; 5
nome; 3	Portugal; 8	boca; 5	amor; 4	vale; 5
olhar; 3	terra; 8	cão; 5	ar; 4	vila; 5
Orfeu; 3	boca; 7	claro; 5	bispo; 4	alma; 4
pão; 3	coisa; 7	coisas; 5	capela; 4	amor; 4
pátria; 3	deus; 7	dentes; 5	caso; 4	barro; 4
poeta; 3	facto; 7	día; 5	cima; 4	cabo; 4
Rebelde; 3	imagem; 7	doutor; 5	lado; 4	céu; 4
rio; 3	impressão; 7	grande; 5	ladrão; 4	día; 4
rosto; 3	mãos; 7	lombo; 5	luz; 4	dignidade; 4
sol; 3	medida; 7	mãe; 5	mãos; 4	espírito; 4
Ternura; 3	pai; 7	montes; 5	pão; 4	filhos; 4

A extracção de formas é igualmente aplicável para abordar estudos gramaticais, retóricos, estilísticos, etc., com as cautelas pertinentes. A destriça minuciosa dos vocabulários preferenciais e diferenciais na TDR permitiria uma intensa caracterização individualizadora que indicaria os matizes moduladores da temática e da estilística da língua deste cópuz, como exemplo representativo, seja no âmbito puramente torguiano ou bem em contraste com os outros autores. E não seria difícil tirar mais partido da

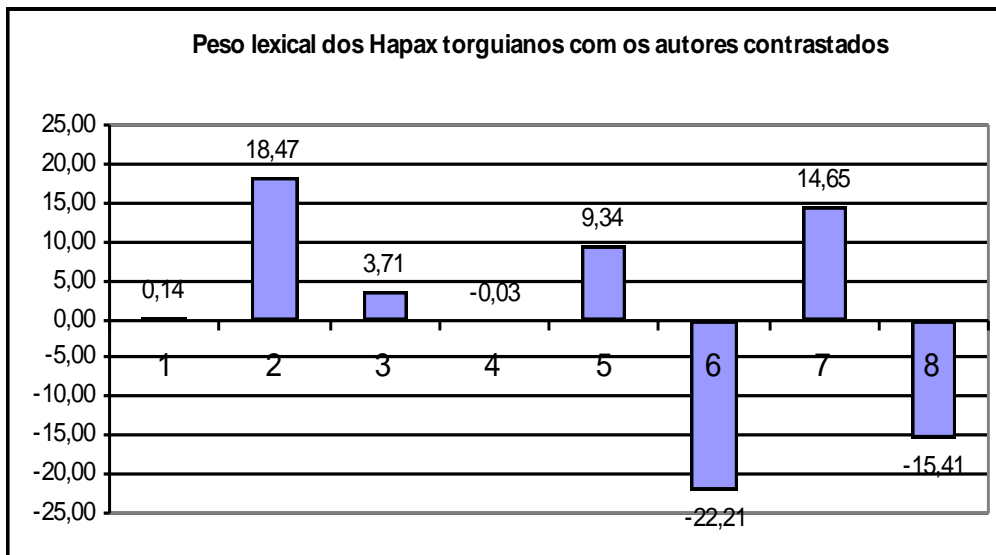
aproximação simples às altas frequências, mas partir ao encontro de elementos contrastivos de grande pormenor não compensa, pois não está aqui representada toda a obra de Torga. Sem alargar o estudo pela via dos desvios, deixemos constância de algum outro dado complementar, a começar pelos procedentes das ocorrências brutas nos hapax, característicos da escolha vocabular:

	1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Caeiro	7Pessanha	8Ortónimo
córpus	1979	12141	6273	4208	5532	11777	5201	14238
hapax	230	2017	817	484	862	621	942	1093

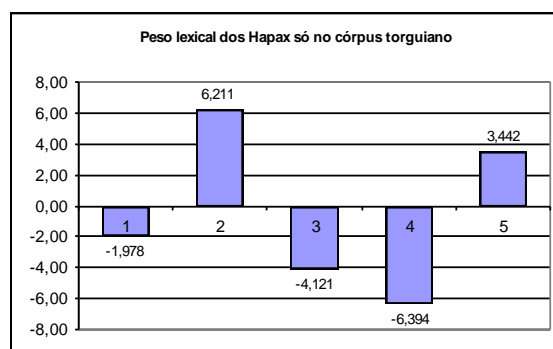
O gráfico relativo às percentagens de hapax é parecido ao dos córpus relativos que observamos anteriormente, quer dizer, existe uma relação geral entre os tamanhos de vocabulário e o número de formas únicas, embora apontando algumas diferenças, como por exemplo a maior escolha vocabular de Pessanha (um 8% do córpus total, mas um 13% de hapax) ou a menor escolha do Pessoa ortónimo ou de Caeiro (24% do córpus, mas 15% de hapax para o primeiro, e 19% do córpus mas só 9% de hapax para o segundo),



O vocabulário de Torga, neste quadro, ao ser observado nos seus valores de desvio, comporta-se neste particular de modo mais unânime,



O elevado índice positivo que corresponde aos hapax de *A Criação do Mundo* não é mais do que a continuação do mesmo comportamento que se observa no conjunto fechado do cópús unicamente torguiano, onde os contrastes são menos marcados,



Esse comportamento mais unitário de Torga em relação a outros autores observa-se melhor e de modo mais significativo em características atinentes à globalidade dos

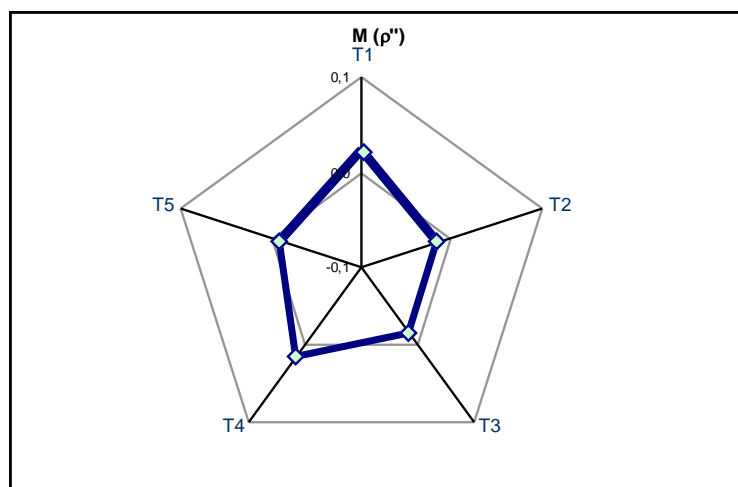
vocabulários colocados em contraste, como no caso da correlação existente entre as variáveis consideradas. Não vamos expor os complexos cálculos (que utilizam os valores reais dos efectivos vocabulares presentes na TDF, somatórios das ocorrências, médias, variâncias e Desvios-Tipo) nem justificar este importante método de análise comparativa²⁴, de modo que inserimos directamente a matriz de intercorrelações, com os resultados, em primeiro lugar elaborada para o conjunto torguiano isolado:

	1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos
2Criação	0,977			
3Bichos	0,973	0,985		
4Contos	0,965	0,974	0,989	
5Portugal	0,976	0,994	0,983	0,970

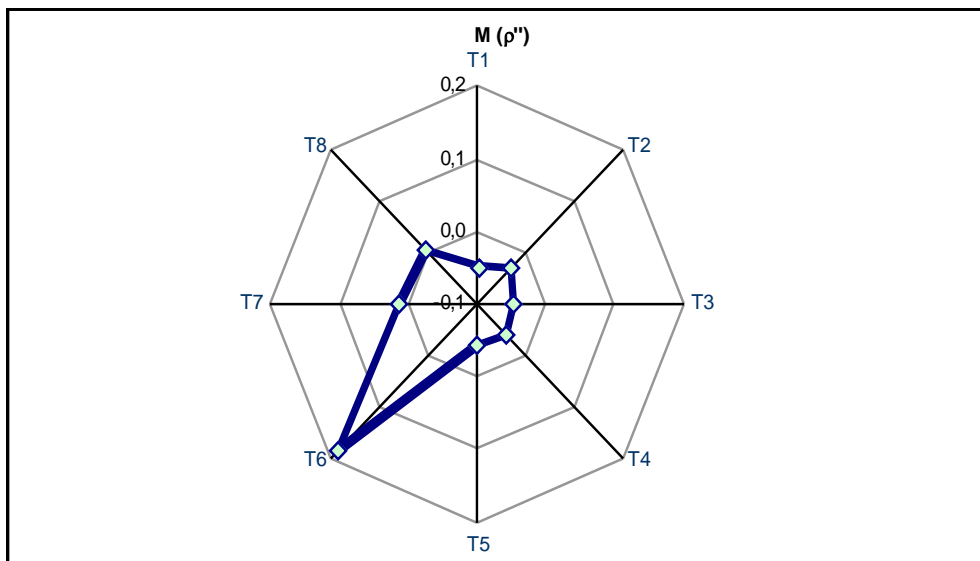
A pior correlação estabelece-se entre a Poesia e os Contos, que mesmo assim ainda devem andar acima do 73% de dependência ou vocabulário comum. No caso dos outros conjuntos, a dependência é sempre maior, destacando a que se dá entre Bichos e os Contos. O panorama é algo diferente quando a matriz contrastiva se elabora para os oito conjuntos, com presença de vocabulário de três autores diferentes a Torga:

	1poesia	2Criação	3Bichos	4Contos	5Portugal	6Caeiro	7Pessanha
2Criação	0,970						
3Bichos	0,968	0,985					
4Contos	0,965	0,970	0,987				
5Portugal	0,973	0,990	0,981	0,966			
6Caeiro	0,855	0,777	0,815	0,838	0,817		
7Pessanha	0,949	0,986	0,969	0,952	0,978	0,745	
8^ortónimo	0,958	0,913	0,932	0,944	0,928	0,935	0,895

Entre Pessanha e Caeiro dá-se um afastamento enorme, como já tínhamos comprovado em experiências anteriores (QUIROGA DÍAZ, 1995, p. 451-452), ao ponto de não existir correlação alguma entre eles. Mas os dados relativos ao comportamento do vocabulário de Torga em contraste com o dos outros autores, sem entrar nos matizes dos coeficientes, também variam, e o melhor modo de observá-lo é graficamente,



A partir dos dados precedentes, o cálculo matricial permite elaborar as equações lineares descritivas dos espaços vectoriais ocupados pelas variáveis, e esses vectores podem ser levados aos gráficos. Das três projecções correlativas possíveis (oblíqua, ortogonal e polar), escolhemos apenas esta onde o comportamento dos cinco blocos vocabulares de Torga se observam bem centrados no interior do polígono, e como a entrada dos outros vocabulários provoca um extraordinário comportamento excêntrico,



Os pontos T6, T7 e T8 correspondem, como se recordará, aos blocos de Caeiro, Pessanha e Pessoa ortónimo, e representam uma evidente excentricidade vocabular relativamente a todas as variantes de Torga estabelecidas, e nessa mesma ordem de intensidade decrescente.

5. Concluindo

Os materiais disponíveis poderiam abrir a porta a comentários intermináveis sobre o vocabulário e os córpus torguianos, que enfrentados com os de outras “nuclearidades” culturais alargaria as possibilidades de uma análise. Mas os exemplos invocados nunca pretenderam uma abordagem definitiva a partir desta perspectiva, daí conformar-se a amostras representativas, visando apenas um rápido mergulho que delate a materialidade peculiar da obra de Miguel Torga. Nela ficam esboçadas as marcas de um universo que se conforma de modo homogéneo em relação a outros que utilizam a mesma língua portuguesa, sendo evidente pelo menos de modo geral.

Não consta em Miguel Torga uma preocupação ou interesse particular pela Galiza, mas consta na Galiza um afecto e uma preferência de leitura por parte da sua obra que tem achado nessa materialidade, nesse universo construído com esse vocabulário, um reconhecimento do passado que não se dá noutros autores portugueses. Porque olhar

para Torga desde a Galiza tem sido como olhar a cicatriz colectiva dos galegos no meio do ventre do país, a cicatriz originada pelo corte do cordão umbilical. Quer dizer, olhar para Torga desde a Galiza tem sido durante muito tempo como olhar o seu umbigo, algo de íntimo e central.

Referências:

ALVAREZ, Eloísa. Código temático en "Contos da Montanha" de Miguel Torga. *Grial*, n. 75.

BONNAFOUS, Simone. Le Congrès de Metz (1979) du parti Socialiste: Processus discursifs et structures lexicales à travers les motions Mitterrand, Rocard et C.E.R.E.S. *Langages*, n. 71, p. 53-54, 1983.

BRAGA, Rubem. Miguel Torga também fala do Cachoeiro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 40, 31 ago. 1982.

CAMLONG, André. *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*. Toulouse: Ophrys, 1996.

CAYRON, Claire. Note de la traductrice. In: _____. *Miguel Torga, l'universel, c'est le local moins les murs. Trás-os-Montes*. 2e. éd. Bordeaux: William Blake, 1994. p. 7.

CLEMENTE, Alice R.. Natureza e poesia em Miguel Torga. In: FAGUNDES, Francisco Cota (Org.). *Sou um homem de granito": Miguel Torga e seu compromisso*. Lisboa: Salamandra, 1997.

DELGADO CORRAL, C. Notas sobre a vida e a obra de Miguel Torga: *Nihil Sibi* como metapoética. *Anuario Brigantino*, v. 24, p. 489-496, 2001.

GONÇALVES, Fernão de Magalhães. Miguel Torga: um trágico cepticismo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 75, 13 dez. 1983.

GONÇALVES, Fernão de Magalhães. *Sete meditações sobre Miguel Torga*. Coimbra: Gráficas de Coimbra, [s.d.]. p. 80.

GONÇALVES, Henriqueta Maria. Um exercício de análise de texto "Identificação" de Miguel Torga. *Agália*, Ourense, n. 52, p. 459-465, inv. 1997.

GRAÑA, Bernardino. Personalidá e obra de Miguel Torga. *Grial*, n. 3, p. 44-60, xan.-mar. 1964.

LÁZARO, Juan. Zoologías de Miguel Torga, una lectura de "Bichos". *Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, v. 23, p. 31-35, oto. 2000.

- LEPECKI, Maria Lúcia. Miguel Torga: o Homem, o tempo, a terra. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 93, 17 abril 1984.
- MONTEIRO, Maria da Assunção Morais. Trás-os-Montes: um paraíso perdido e reencontrado por Torga. *Estudos Transmontanos e Durienses*, n. 7, p. 169-184, 1997.
- MOURA, Vasco Graça. Miguel Torga: a "guerra" dos seis dias. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 2, 17 mar. 1981.
- MULLER, Charles. *Estadística lingüística*. Trad. de Antonio Quilis. Madrid: Gredos, 1973. (*Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larrouse, 1968).
- PEREIRA, Isaura Soares. "Vicente": do teológico ao antropológico. *Nós. Revista Internacional Galaicoportuguesa de Cultura*, v. 35-40, p. 73-77, 1994.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra (e outros poemas de Camilo Pessanha)*. Lisboa: Ática, 1973.
- PRESEDO, Elvira Souto; PORTUGAL, F. Salinas (Ed.). Prólogo. In: CASTRO, Rosalía de. *Follas novas*. A Corunha: Associação Galega da Língua, 1985. p. xiv.
- QUIROGA DÍAZ, J. Carlos. *Lexicometria e vocabulário em Pessoa ortónimo e heterónimo*. 1995. Tese (Doutoramento em Literatura Portuguesa) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 1995. v. I.
- RANGEL-CARLSEN, Ivana. Arquétipos em *Contos da Montanha e Novos Contos da Montanha*, de Miguel Torga. In: FAGUNDES, Francisco Cota (Org.). *Sou um homem de granito": Miguel Torga e seu compromisso*. Lisboa: Salamandra, 1997. p. 265-266.
- ROCHA, Clara Crabbé. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Almedina, 1977.
- SANTO, Moisés Espírito. *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990. (1ª ed.: Lisboa: A Regra do Jogo, 1984).
- SANTO, Moisés Espírito. *Origens orientais da religião portuguesa seguido de Ensaio sobre toponímia antiga*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.
- SEIXAS, Paula. Uma leitura do conto "O sésamo" de Miguel Torga. *Agália*, Ourense, n. 31, p. 387-392, out. 1992.
- TORGA, Miguel. *A criação do mundo. O quinto dia*. Coimbra: Ed. do Autor, 1974.
- TORGA, Miguel. *A criação do mundo. O sexto dia*. Coimbra: Ed. do Autor, 1981.
- TORGA, Miguel. *A criação do mundo. O terceiro dia*. 4. ed. refund. Coimbra: Ed. do Autor, 1970. (1. ed. 1938).
- TORGA, Miguel. *Antologia poética*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- TORGA, Miguel. *Bichos*. 18. ed. Coimbra: Ed. do Autor, 1990. (1. ed. 1940)
- TORGA, Miguel. *Contos da montanha*. 7. ed. Coimbra: Ed. do Autor, 1987.

TORGA, Miguel. *Nihil Sibi*. 3. ed. Coimbra: Ed. do Autor, 1975. (1. ed. 1948)

TORGA, Miguel. *O outro Livro de Job*. 5. ed. rev. Coimbra: Ed. do Autor, 1986. (1. ed. 1936).

TORGA, Miguel. *Odes*. 4. ed. Coimbra: Ed. do Autor, 1977. (1. ed. 1946).

TORGA, Miguel. *Penas do Purgatório*. 3. ed. Coimbra: Ed. do Autor, 1976. (1. ed. 1954).

TORGA, Miguel. *Portugal*. 4. ed. rev. Coimbra: Ed. do Autor, 1980. (1. ed. 1950).

¹ Não seria necessária prova, mas de caminho podem ser de utilidade outros matizes que o José Leon Machado colocou nas «Algumas considerações sobre *Portugal* de Miguel Torga», no <http://web.ipn.pt/literatura/letras/recen009.htm> (10-01-2005).

² É o caso de Pilar Vázquez Cuesta, com *Miguel Torga (1907-1995), Antología poética* (Madrid: Rialp, 1952); e anteriormente *Cuentos de Tras-os-Montes, de Miguel Torga* (Madrid: A. Rubiños, 1951). Para um exame mais exacto da sorte da tradução de Torga para espanhol, pode-se consultar Xosé Manuel Dasilva, «A Tradução de Miguel Torga em Espanha: (ou "força nativa" em "voz alheia")» (In: CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M^a Jesús; LEAL, Maria Luísa Trindade Madeira (Ed.). *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera: 1er Encuentro de Lusitanistas Españoles*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2000. v. 2, p. 1015-1044.

³ Podem visitá-la virtualmente no endereço <http://www.torga.net>.

⁴ O texto bíblico, mencionado por Moisés Espírito Santo, fala da aliança no ano 160 a. C. entre Judas Macabeu, chefe de Israel, e os Romanos, que teriam mantido grandes guerras com os Gálatas, que seriam os habitantes da Galécia ou Galácia, nome comum aos habitantes da outra Galécia da Ásia Menor.

⁵ Já não é tão certo aquilo de o linguista continuar mantendo uma “*actitud reservada, incluso hostil, frente al ordenador*”, nem mesmo “*la preparación insuficiente de los lingüistas en el campo de la informática. Ni la lógica formalista ni las matemáticas les son familiares*” (cf. KOCK, Josse de. *Introducción a la lingüística automática en las lenguas románicas*. Madrid: Gredos, 1974. p. 25-26). Embora exista algum equívoco em relação ao computador, cuja "inteligência" é dependente e cuja potencialidade não deixa de ser uma instrumentalidade que requer conhecimento, os linguistas interessam-se hoje por ele e pelo carácter quantitativo da linguagem. E particularmente do vocabulário, onde o método lexicométrico permite a interpretação dos dados mais objectiva e menos dependente da opinião pessoal. Não vale a pena invocar aqui algum dos clássicos estudos realizados com ajuda de computador, que remontam aos anos sessenta e setenta do século passado, espalhados por diversos países e com contributos até na própria Galiza. Dicionários de frequências, índices, concordâncias, dicionários inversos, não representam novidade, existindo desde há décadas listagens deste tipo para muitas línguas, se bem que as tabelas antigas sejam muito diferentes, quantitativa e qualitativamente, das mais recentes. Estas últimas, logradas mecanicamente, operam sobre umha quantidade e diversidade de documentos muito superior, e conseguem informações cada vez mais complexas, resultados mais seguros e de pormenor, com dados estatísticos referidos aos conjuntos vocabulares que seriam incalculáveis sem computador.

⁶ Pertencentes aos Fundos Reservados, achavam-se fisicamente nas dependências da Equipa, mas não podiam ser fotocopiados integralmente. Também não foi possível encontrá-los noutras bibliotecas públicas ou privadas.

⁷ Cf. <http://www.institutocamoes.pt/escritores/torga/antologia.htm> (10-01-2005).

⁸ TORGA, *Antologia poética*, 1999. Para facilitar a leitura e não carregar a diagramação, as notas de texto seguintes, até a n. 22, serão referidas aqui (N. do ed.).

⁹ TORGA, *Nihil Sibi*, 1948/1975.

¹⁰ TORGA, *O outro Livro de Job*, 1936/1986.

¹¹ TORGA, *Odes*, 1946/1977.

¹² TORGA, *Antologia poética*, 1999.

¹³ TORGA, *Penas do Purgatório*, 1954/1976.

¹⁴ TORGA, *Antologia poética*, 1999.

¹⁵ TORGA, *Antologia poética*, 1999.

¹⁶ TORGA, *A criação do mundo. O terceiro dia*, 1938/1970.

¹⁷ TORGA, *A criação do mundo. O quinto dia*, 1974.

¹⁸ TORGA, *A criação do mundo. O sexto dia*, 1981.

¹⁹ TORGA, *Bichos*, 1940/1990.

²⁰ TORGA, *Contos da montanha*, 1987.

²¹ TORGA, *Portugal*, 1950/1980.

²² PESSANHA, *Clepsidra (e outros poemas de Camilo Pessanha)*, 1973. Esclarecimentos iniciais sobre a edição de João de Castro Osório, que a indica como definitiva. Os versos que tomamos abarcam desde o título e «Inscrição» até «Poema final», inclusive (p. 25-100), e "Outros poemas", incluindo as duas versões do mesmo poema, «Lúbrica» e «Desejos», mas suprimimos as citações do Evangelho de S. Lucas (poema "Madalena", p. 36) e de Verlaine (poema "Água morrente", p. 73), deixando só a referência dos nomes pelos quais o autor se interessou para presidirem os seus versos.

²³ Esta versão acaba de ser melhorada e é comercializada no Brasil.

²⁴ Ampla e tecnicamente explicado pelo Professor André Camlong (1996, p. 83 et seq.). Para uma aproximação mais sintética, cf. Quiroga (1995, p. 159-164).